FORMAÇÃO DE PROFESSORES, COMPLEXIDADE E TRABALHO DOCENTE
EDUCERE XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
ENAEH IX Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar - ENAEH
SIRSSE III Seminário Internacional de Representações Sociais - Educação
SIPD/CÁTEDRA UNESCO V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente - SIPD - Cátedra UNESCO
PUCPR 26 a 29/10/2015

ENTRE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO: FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E PENSAMENTO NÔMADE

Angelica Vier Munhoz[1]- UNIVATES/RS

Grupo de trabalho - Formação de Professores e Profissionalização Docente
Agencia financiadora: Centro Universitário Univates

Resumo

O presente artigo tem por objetivo contextualizar e analisar algumas práticas desenvolvidas no projeto de extensão *Formação pedagógica e pensamento nômade*, do Centro Universitário Univates, destacando o movimento de interlocução com o ensino e com a pesquisa. Por outra via, busca pensar a formação docente enquanto movimento de produção de uma subjetividade que ensina e constitui o professor. Nessa medida, o presente texto passa pela compreensão da noção de pensamento nômade e das experimentações no processo de formação docente a partir dos conceitos da Filosofia da diferença, em meio a autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Roland Barthes. Propõe-se assim pensar em uma formação docente que se constitua através dos encontros com outras matérias do pensamento (arte, literatura, cinema, filosofia...) e de experimentações de modos de vida que resistem aos encadeamentos de uma educação ocupada em conduzir e em formatar. Por fim, apresenta-se o referido projeto de extensão enquanto proposta de uma formação docente estético-artística e cultural em meio ao exercício de novas maneiras de aprender e ensinar. As discussões que compõem o projeto partem de temáticas que são perpassadas por seus múltiplos cruzamentos, em formas de palestras, grupos de estudos, ciclo de debates, oficinas, exposições e saraus e que se materializam através da promoção de uma agenda semestral de extensão. Conclui-se que o projeto tem possibilitado um espaço que amplia as discussões de cunho teórico, filosófico e cultural que perpassam os cenários pedagógicos em suas mais variadas configurações. Acredita-se que nesse espaço outros processos de subjetivação docente e discente podem ser possíveis.

Palavras-chave: Nomadismo. Formação pedagógica. Extensão.

Introdução

Trata-se de, por uma via, contextualizar e analisar algumas práticas desenvolvidas no projeto de extensão *Formação pedagógica e pensamento nômade*, do Centro Universitário

[1] Doutora em Educação; Docente do Centro de Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Ensino – Centro Universitário Univates; Coordenadora do Grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/UNIVATES); Email: angelicavmunhoz@gmail.com

Univates, destacando o movimento de interlocução com o ensino e com a pesquisa. Por outra via, pensar a formação docente enquanto movimento de produção de uma subjetividade que ensina e constitui o professor. Nessa medida, o presente texto passa por construções e pela compreensão do pensamento nômade e das experimentações no processo de formação docente a partir da utilização dos conceitos da Filosofia da diferença.

Vinculado ao curso de Pedagogia, do Centro Universitário Univates, um dos objetivos do referido projeto de extensão é subverter a lógica de uma formação de professores fundamentada em propostas de capacitação, de discussões aligeiradas sem possibilidades de criação por parte do professor e alicerçadas em uma forma única de se entender a docência e seus desafios contemporâneos. Dessa forma, tomando como referencial teórico autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Roland Barthes, as atividades do projeto se realizam no sentido de questionamentos e problematizações constantes acerca das práticas docentes desenvolvidas em espaços escolares e não escolares. Busca-se assim subsidiar os professores em formação inicial ou continuada mobilizando-os para a construção de uma prática interpelada por possibilidades de criação de outras formas de constituir-se docente.

Nesse sentido, este Projeto de Extensão dialoga com as discussões realizadas no Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/Univates), do qual participam alguns pesquisadores que também atuam no presente projeto de extensão. A citada pesquisa busca investigar as especificidades curriculares em espaços escolares e não escolares e suas relações e cruzamentos com os movimentos escolarizados e não escolarizados. Desse modo, o projeto de extensão é pensado como um currículo aberto, transversal, nômade, não escolarizado que se compõem nos atravessamentos do currículo formal do curso de Pedagogia da instituição. É em tal medida, que o projeto encontra-se em meio às experiências de ensino, pesquisa e extensão.

Por meio do nomadismo

Toma-se a noção de nomadismo, a partir de Deleuze e Guattari (1997), para pensar o referido projeto de extensão. O pensar nômade, para tais filósofos da diferença, consiste no movimento do pensamento como uma máquina de guerra, um pensamento múltiplo que se aproxima da vida, ao mesmo tempo em que se distancia da metafísica e da Filosofia da Representação. “Só o nômade tem um movimento absoluto, isto é uma velocidade; o movimento turbilhonar ou giratório pertence essencialmente à sua máquina de guerra” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 53).

Assim, para Deleuze e Guattari (1997), o nomadismo constitui-se como um elemento subversivo e de resistência aos Aparelhos de Estado que regulam e governam a vida. “A máquina de guerra é invenção dos nômades”, afirmam Deleuze e Guattari (2007, p. 50). Nesse sentido, o nomadismo é uma prática de intensidades poéticas que potencializam a vida e produzem novas subjetividades. Contudo, só há uma postura nômade quando existe a capacidade de criar novos territórios de agenciamento. “Para o nômade é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização”[2] (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 53).

A imagem do nômade incide em andarilhar por terras desconhecidas, sem fixar-se, sem buscar um rumo preestabelecido, pois “o nômade não tem pontos, trajetos nem terra, embora evidentemente ele os tenha” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.53). À deriva, o nômade move-se intensivamente sem ter aonde chegar. Move-se por mover-se; move-se por compreender que a vida é movimento. Não percorre um movimento em direção a outro lugar, mas torna esse lugar outro. “A vida do nômade é intermezzo”, dizem Deleuze e Guattari (1997, p. 51). Dessa forma, “o nômade habita esses lugares, permanece nesses lugares, e ele próprio os faz crescer, no sentido em que se constata que o nômade cria o deserto tanto quanto é criado por ele”. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.53).

Se por um lado, a noção de nomadismo é o que dá movimento ao projeto de extensão *Formação pedagógica e pensamento nômade*, também é o movimento que tem permeado o novo currículo do curso de Pedagogia/Univates e o que o integra ao grupo de pesquisa CEM/CNPq/Univates. Busca-se, por meio desses espaços, viver nomadicamente a educação.

Desse modo, compreende-se que nomadizar em educação é criar condições para fazer desse espaço um lugar aberto ao pensar, tomando-o como um território de reinvenção ou de traição em que se apagam os próprios rastros. É torná-lo um espaço de experiência e movimento para além das estruturas e dos territórios fixos no qual o pensamento costumeiramente tende a se instaurar ou para o qual as memórias longas sedentarizam um certo conjunto de práticas e de significações.

Assim, arte, literatura, cinema, música, filosofia tornam-se intercessores que possibilitam pensar o campo da educação. Busca-se por meio de interfaces com tais matérias do pensamento criar novas sensibilidades, já que não mais é possível ensinar e aprender por

[2] Em Deleuze & Guattari, Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia (vol. 4, 1996), encontramos: “O território não é primeiro em relação à marca qualitativa, é a marca que faz o território. As funções num território não são primeiras; elas supõem, antes de tudo, uma expressividade que faz território. É de fato nesse sentido que o território, e as funções que aí se exercem, são produtos da territorialização” (p. 122).

meio da representação, da repetição, da transmissão, da recognição, e são as experiências não dogmáticas, os encontros com signos sensíveis que nos permitem experimentar, pensar e criar. O encontro com um filme, um livro, uma obra de arte, podem ter a força mobilizadora de fazer correr o pensamento, colocando-nos a duvidar das verdades, a desaprender o aprendido, a tomar o corpo como um gesto, a fazer novas apostas e jogar os dados, a criar novas práticas. Pensar em uma formação que se constitua através dos encontros com tais matérias do pensamento (arte, literatura, cinema, filosofia...) nos faz acreditar na produção de uma subjetividade docente capaz de experimentar outros modos de vida que resistem aos encadeamentos de uma educação ocupada em conduzir e em formatar. Contudo, só pode haver um aprendizado do ato de pensar como criação, se tal ato ocorrer fora dos pressupostos da representação e das práticas universalizantes.

Desse modo, entende-se ser possível pensar uma docência que, por tornar-se permeável às forças sensíveis, sobreviva aos fluxos velozes e arrebatadores desse tempo chamado contemporâneo. Sensível à escuta de tais intercessores, sem compromisso com o sucesso a qualquer preço, tais experiências e experimentações podem abrir-se a um espaço de vida na formação pedagógica, nos quais os devires são produzidos nos encontros, nas relações com o aprender, nos processos de criação, ensaios, exercícios do pensar. Por sua vez, as experimentações implicam em movimentos curriculares desprovidos de processos sedentários de estratificação. O espaço nômade não pode ser delimitado, pois ele se configura por uma arquitetura intensiva, sob a medida do tempo e da dimensão física do espaço, subordinando, assim, toda formação pontual à força e às determinações de seu trajeto que "não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado", sendo o último "constantemente revertido, devolvido a um espaço liso" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 180).

> Em meio a experimentações nômades e formações sedentárias, interessa pensar as passagens e as combinações, as alternâncias e sobreposições entre as operações de alisamento e estriagem, ou seja, de que modo a organização dos saberes, das práticas, da vida, pode entrar em um movimento contínuo de desprendimento de valores, medidas e propriedades, ao mesmo tempo em que as linhas de fuga, os movimentos criadores, não cessam de ser rebatidos e remanejados por uma maquinaria normativa.(MUNHOZ ET AL, 2013, p.50)

Por fim, a aproximação com um pensamento nômade, tal qual visa o projeto de extensão *Formação pedagógica e pensamento nômade*, constitui-se na busca de um processo de desnaturalização, fundamental para que se possa mergulhar na experiência presente, abrindo espaço para os acontecimentos. Esse é um exercício que exige desconfiar das certezas, de todas as formas prontas, dos currículos engessados, mas também um exercício de

buscar saídas, encontrar novas formas de ação e, sobretudo, experimentar outras práticas de formação docente. Como afirma Nietzsche (1996, p.17), “muitas coisas, fique dito de uma vez por todas, quero não sabê-las. A sabedoria impõe limites ao próprio conhecimento”.

Do projeto: questões metodológicas

Em 2013 foi realizada a primeira edição do projeto, aprovado pelo edital Propex/Univates, com a proposição de agendas semestrais de atividades que contemplavam temas acerca da educação e seus cruzamentos com as artes visuais, a literatura, a música, o cinema, a filosofia. No final de 2013 o projeto foi novamente encaminhado e aprovado para sua continuidade em 2014 e 2015. Embora o projeto esteja vinculado ao curso de Pedagogia da Univates, as atividades são abertas a alunos de outros cursos, egressos, professores e gestores das redes pública e privada, além de docentes da Univates. O projeto também possibilita parcerias com as redes de ensino público e privado em torno de temas específicos, de acordo com as demandas solicitadas.

Assim, com o objetivo de criar uma pedagogia comprometida com a experimentação, com a formação estético-artística e cultural do professor, com o exercício de novas maneiras de aprender e ensinar e com uma postura ética de afirmação da vida, o projeto *Formação pedagógica e pensamento nômade* propõe uma agenda semestral de atividades com espaços de estudo, reflexão e discussão, experimentações artísticas e culturais. Por meio de uma agenda semestral (on-line e impressa), a cada semestre novas atividades são oferecidas, ao passo que outras atividades seguem uma continuidade, como os grupos de estudos. Desse modo, tal agenda de atividades compõe-se de oficinas desenvolvidas por professores extensionistas; oficinas desenvolvidas por alunos do curso de Pedagogia na atividade curricular de Estágio supervisionado do Ensino Médio, orientadas pelos professores extensionistas; ciclo de debates realizados por professores de diferentes áreas em torno de um artista, literário, filósofo; oficinas organizadas pelos monitores do laboratório brinquedoteca, do curso de Pedagogia; palestras acerca de temas contemporâneos da educação e suas interfaces; saraus e exposições organizadas em torno de temas trabalhados em disciplinas; programas de rádio sobre temas atuais e mundanos que, em alguma medida, também fazem parte do repertório de formação docente.

Da experiência: resultados e discussões

Experiência, formação e nomadismo são algumas das noções que transversalizam o projeto de extensão *Formação pedagógica e pensamento nômade*. Tais noções tornam-se importantes para a produção de subjetividades que buscam experimentar-se de outros modos, em meio a currículos que se organizam em formas mais abertas, fluidas e lisas. As diversas atividades propõem-se a desfazer lugares fixos – de salas, escolas e posicionamentos – para experimentações em deslocamentos que queiram trocar a dureza da fixidez de posições instituídas pela flexibilidade em aprendizagens, ora inovadoras, ora problematizadoras.

> Os fluxos que conjugam os territórios da experiência procuram agenciar-se ao tempo para, então, conquistar a demora que permite o olho ver o miúdo. Tempo para prender o olho no pequeno, naquilo que não costumamos ver. Tempo para desarrumar a casa, para então dispor de novas combinações. Experiências de um tempo contemporâneo são prejudicadas pelas marcas do efêmero que constituem a vida instantânea, fazendo com que nada nos aconteça. Tempo acelerado que restringe e cancela a possibilidade de experienciar. Vida baseada nos excessos de informação e de opinião anula as possibilidades de invenção (MUNHOZ, ET AL, 2013a, p. 191).

Por meio do projeto *Formação pedagógica e pensamento nômade* visa-se um movimento capaz de problematizar as ideias salvacionistas de educação que idealizam o espaço escolar e as relações que nele se constituem, pois, conforme alertam Fischman e Sales (2010, p. 14), "a narrativa redentora articula as intensas e ácidas críticas usadas para denunciar as escolas 'realmente existentes' que, de maneira dualista, são responsabilizadas por quase todos os problemas", ao mesmo tempo em que são consideradas o último espaço de esperança para melhorias sociais de cunho mais amplo.

Nesse sentido, os encontros realizados, a partir das diferentes atividades do projeto, pretendem mobilizar o pensamento e buscar pontos de fuga em discursos fixos que remetem a respostas pontuais, numeráveis e classificáveis. Os encontros, nessa medida, caracterizam-se em um espaço de embate, uma vez que por meio deles reúnem-se alunos de licenciaturas, professores da Educação Básica e Ensino Superior e público da comunidade universitária em geral. São encontros que possibilitam o cruzamento de ideias, questionamentos e anseios oriundos de espaços de trabalho diferenciados, mas que se interpenetram.

> A educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosanamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros (GALLO, 2012, p. 01)

As discussões partem de temáticas que são perpassadas por seus múltiplos cruzamentos, em formas de palestras, grupos de estudos, ciclo de debates, oficinas, exposições e saraus. São realizadas leituras de textos, livros, produções escritas, explanações de cenas fílmicas, literárias e de demais artefatos culturais em geral. E nesta multiplicidade de olhares viabilizados por diferentes "cenários" as discussões podem trazer à tona alguns embates teóricos, e o pensamento nômade, descentralizado de ideias fixas, multifacetado e plural apresenta as potencialidades de fazer com que, como já dizia Michel Foucault, possamos pensar diferentemente do que pensávamos:

> Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir (FOUCAULT, 1994, p.13).

Busca-se, assim pensar a formação para além dos sentidos externos aos sujeitos. Em tempos de habilidades e competências, quer-se, na contramão, viver a formação como uma experiência que não encontra seu sentido expresso em estatísticas que queiram alcançar os professores, mas levá-los a experimentar-se na criação em momentos de atividades provocadoras. A proposta de levar para a extensão a formação docente, mesclando aos diversos saberes que se constituem no fazer pedagógico de professores que já atuam nas escolas e a proximidade com referenciais teóricos que instigam os saberes estéticos- artísticos e culturais, perfaz a própria experimentação de formadores na educação.

Acredita-se, pois que essas práticas podem se multiplicar em um valor coletivo, partindo da multiplicidade em vez da unidade. Nas diferentes atividades desenvolvidas pelo projeto, as figuras do professor e do aluno já não repousam mais nos recônditos seguros de um quadriculamento instituído pelos processos disciplinares estudados por Foucault (1987). Nas quadrículas da sala de aula moderna, a determinação de lugares individuais e de uma disposição relacional deixa muito clara a função do professor, a função do aluno. Ao romper com essas funções instituídas, todos podem ocupar o lugar de aprendizes, e isso torna possível vislumbrar, "frente à homogeneidade do saber que restringe a diferença, a heterogeneidade do aprender que produz a diferença" (LARROSA, 2010, p. 143).

Nesta medida, propõe-se, por meio do projeto de extensão, uma formação filosófica e estética, cujas práticas nem sempre se identificam com as diretrizes para a formação de professores, nas quais imperam, muitas vezes, os modelos, as fórmulas prontas, as rotas seguras, com pontos de partida e de chegada pré-definidos. Trilhar outros caminhos, explorar labirintos, espaços lisos, buscando nos deter mais na fruição das possibilidades que o caminho nos apresenta do que na busca apressada pela saída, ou talvez, na esteira de Barthes (2007), tornar possível, na formação de professores, viver a experiência de desejos plurais – "[...] tantas linguagens quantos desejos houver: proposta utópica, pelo fato de que nenhuma sociedade está ainda pronta para admitir que há vários desejos" (BARTHES, 2007, p. 24).

> Ao fazer uma análise sobre essa produção do desejo e essas paisagens não constituídas numa aula, Barthes (2003) criará a figura do "traço" como agenciador de possíveis. E pelo traço, este sempre impreciso, vago, difuso e um tanto neutro, que a lista de enunciadores do desejo é constituída, sempre com generosas doses de acaso e ao sabor dos encontros (MUNHOZ; COSTA, 2013, p. 64).

Considerações Finais

Para além de atividades que se encontram na almejada intersecção entre extensão, ensino e pesquisa, conclui-se que o projeto tem possibilitado um espaço que amplia as discussões de cunho teórico, filosófico e cultural que perpassam os cenários pedagógicos em suas mais variadas configurações. Conforme Jenize (2004, p. 3), a extensão universitária "[...] passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos [...] promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos". Observa-se que estas ações corroboram com a flexibilização do currículo e a interlocução com demais atores sociais que não se encontram necessariamente inseridos na universidade. Assim, ampliam-se as possibilidades de se pensar e construir uma formação docente que converta a docência em um espaço de criação. Nesse espaço outros processos de subjetivação docente e discente tornam-se possíveis.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução por Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1996

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997

FISCHMAN, Gustavo E. ; SALES, Sandra Regina. Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras? In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 15, n. 43, jan./abr. 2010, p. 7-20.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987

GALLO, Silvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**: Artigo científico. Disponível em: http://gajop.org.br/justicacidada/wp-content/uploads/eu-o-outro-e-tantos-outros-S%C3%ADlvio-Gallo.pdf. Acessado em 28 de maio de 2012.

JENEZI, Eneide. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf Acessado em 30 de março 2014.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

MUNHOZ, Angélica V. et al. Nomadismo e formação pedagógica. In: MUNHOZ, Angélica V. et al (orgs.). **Caderno Pedagógico** – Educação e Pedagogia. Lajeado, Univates, Vol. 10, n. 2, 2013. p. 47 -60.

MUNHOZ, Angélica V. et al. Formação pedagógica e pensamento nômade. **Revista Cataventos**. Cruz Alta: Unicruz, Ano 5, n. 01, 2013a, p. 181 - 196

MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Luciano Bedin da. Uma aula não precisa ser confundida com todas as aulas. In: SALES, José Albio Moreira de; FELDENS, Dinamara **Garcia. Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas.** Fortaleza: EdUECE, 2013, p. 61-72.

NIETZSCHE, Friedrich (1996): **Crepúsculo dos Ídolos**. Lisboa: Guimarães, 1996.